ISSN 0104-8775

VARIA HISTORIA

REVISTA DO DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA • PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO

JOSÉ HENRIQUE SANTOS
A.A. MARQUES DE ALMEIDA
ELIANA REGINA DE FREITAS DUTRA
JÚNIA FERREIRA FURTADO
MARIA EFIGÊNIA LAGE DE RESENDE
ANGELO DE OLIVEIRA SEGRILLO
MARIA APARECIDA REZENDE MOTA
CLÁUDIA B. HEYNEMANN
RAMON FERNANDES GROSSI
JOSÉ CARLOS VARGENS TAMBASCO
LUIZ MAURO DO CARMO PASSOS
ALEXANDRE TORRES FONSECA

20
MARÇO
1999

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

VARIA HISTORIA

Nº 20 Março 1999

ISSN 0104-8775

Varia Historia Belo Horizonte N.20 p.1-190 Mar.1999

Sumário

CONFERÊNCIA

Brava gente brasileira
José Henrique Santos 7

ARTIGOS

Saberes e Ciência na Expansão Portuguesa
A.A. Marques de Almeida 28

Inventários do Cotidiano de uma "Famiglia"
Eliana Regina de Freitas Dutra 37

Historiografia mineira: tendências e contrastes
Júnia Ferreira Furtado 45

A disputa pela história
Maria Efigênia Lage de Resende 60

O paradigma toyotista continua válido nos anos
Angelo de Oliveira Segrillo 78

Modelos de cidadania no Projeto da Geração de 70/ Brasil e Portugal, século XIX
Maria Aparecida Rezende Mota 85

História Natural na América Portuguesa — 2ª metade do século XVIII
Cláudia B. Heynemann 97

O caso de Ignácio Mina: tensões sociais e práticas "mágicas" nas minas
Ramon Fernandes Grossi 118

O paradigma toyotista continua válido nos anos 90?

ANGELO DE OLIVEIRA SEGRILLO
Doutorando em História da Universidade Federal Fluminense

RESUMO O conceito de *toyotismo* foi muito empregado nas décadas de 70 e 80 para designar os novos paradigmas industriais originários do Japão que revelavam eficiência e produtividade superiores ao do fordismo tradicional. Entretanto, nos anos 90, a economia japonesa parece ter entrado em relativa estagnação e a superioridade das fábricas "toyotistas" sobre as ocidentais também diminuiu bastante. Este artigo analisa se a referência toyotista continua ou não importante neste novo contexto.

ABSTRACT The concept of *Toyotism* was widely employed in the 70's and the 80's in connection to the new Japanese industrial paradigms which had proved themselves to be superior to traditional Fordism. However, the 90's have been marked by a certain stagnation of the Japanese economy and also by a diminishing distance in productivity and efficiency between the Japanese "toyotist" factories and their Western competitors. This articles analyzes the question if the Toyotist reference remains important in this new context.

As idéias contidas em meu artigo *Fordismo, Pós-Fordismo e Perestroika Soviética*, (publicado na revista *Varia Historia*, n. 17) suscitaram uma interessante polêmica na Georgetown University, em Washington, onde realizo atualmente estágio na qualidade de pesquisador visitante.

Nas discussões seguintes à palestra que proferi na universidade sobre o assunto (Segrillo, 1997a), uma crítica foi colocada pelos acadêmicos americanos. Considero que esta crítica altamente pertinente e que, tanto ela quanto minha resposta, possibilitam um aprofundamento da discussão iniciada no artigo.

A objeção era de que meu ensaio se baseava profundamente no conceito de *toyotismo*. Entretanto, este conceito (tão popular nos anos 70 e 80, ligado ao sucesso econômico japonês) encontra-se atualmente "em baixa" nos meios acadêmicos americanos, já que o Japão, nos anos 90, tem tido sua economia em estagnação, enquanto que os EUA têm demonstrado recuperação econômica. Além disso, as diferenças de produtividade entre a empresa Toyota e suas rivais "fordistas" ocidentais já não é tão grande como nos anos 70 e 80. Ou seja, meu ensaio correria o risco de "ficar ultrapassado" no caso de seu conceito fundamental (*toyotismo*) também se tornar ultrapassado.

Esta observação reflete um pouco o orgulho patriótico atual da *mídia* e da população americana de ver sua economia crescendo mais rapidamente que a japonesa de novo. Mas, além disso, ela é bastante procedente e devemos analisar seus diferentes aspectos.

Fordismo, Pós-Fordismo e Perestroika Soviética

Antes de entrarmos no mérito da crítica, propriamente dita, é necessário sintetizarmos a essência do artigo original da *Varia Historia* para o melhor entendimento das origens da discussão.

No ensaio *Fordismo, Pós-Fordismo e Perestroika Soviética* eu analisava as dificuldades por que passava a economia soviética nas últimas décadas e que levaram à necessidade de uma reforma (*perestroika*) do sistema em meados dos anos 80. Eu realizei a análise traçando um paralelo entre os desenvolvimentos na economia mundial e no campo soviético. Argumentei que, devido à competição entre os campos capitalistas e do *sorex* (socialismo realmente existente), a União Soviética (por ter iniciado sua industrialização de um patamar mais atrasado) tradicionalmente sempre realizou uma política de "copiar" as técnicas mais avançadas do ocidente, com o fim de dominá-las e, desta maneira, "alcançar e ultrapassar" o ocidente. Na época do início da industrialização soviética, o *fordismo-taylorismo* era o paradigma de produção mais avançado. Assim, a União Soviética, desde os anos 30, fez imensos esforços para assimilar os métodos fordistas a fim de aumentar sua produtividade. Esta assimilação foi facilitada pelo fato de que o sistema soviético possuía características que se "encaixavam" muito bem com os princípios fordistas. Assim, tanto o sistema soviético como o fordismo, eram baseados em: fluxos verticais de comando e informação, produção rígida, ên-

fase em grandes quantidades e economias de escala, etc. Esta "simbiose" dos dois se revelou bastante produtiva. Nas décadas de 30, 40, 50 e parte da de 60 (épocas em que o fordismo era, claramente, o paradigma produtivo mais avançado) a União Soviética teve altos índices de crescimento econômico.

Entretanto, a partir de meados da década de 60 (e, principalmente, a partir dos anos 70) modificações aconteceram na Economia Mundial. Novos paradigmas produtivos, que Piore & Sabel (1984) chamaram de *especialização flexível*, começaram a aparecer e se revelar mais eficientes que o fordismo tradicional. O mais conhecido destes paradigmas foi o *toyotismo*. Os novos padrões de *especialização flexível* enfatizam: *flexibilidade* sobre a rigidez, *economias de escopo* sobre a de escala (produção em pequenas séries e grandes variedades), *qualidade* sobre a mera quantidade, mais *fluxos de informação* (e, mesmo, de comando) *horizontais*, etc.

A partir de finais dos anos 60 (e, principalmente, a partir dos anos 70), a URSS teve grandes dificuldades em prosseguir sua estratégia de assimilar os padrões produtivos ocidentais mais avançados a fim de "alcançar e ultrapassar". A razão é que a parte mais avançada da economia capitalista estava se voltando para os princípios da *especialização flexível*. Entretanto, os princípios da *especialização flexível* (ao contrário dos do fordismo) eram por demais conflitivos com os do sistema soviético. Desde seus primórdios nos anos 30, o sistema soviético era baseado em um centralismo rígido (vertical) que enfatizava grandes quantidades e as economias de escala. Tentar transformá-lo em direções a padrões que enfatizavam fluxos de informação/comando horizontais, flexibilidade e qualidade, seria solapar os próprios fundamentos em que estava baseado este sistema. Aliás, esta tentativa de "reconciliar o irreconciliável" marcou as tentativas das "reformas econômicas de Kosygin" (em meados dos anos 60) e também a própria perestroika. O dilema soviético (e de Gorbachev, em particular) parecia estar em que a manutenção de princípios "fordistas" para o desenvolvimento industrial soviético condenaria o país a um atraso tecnológico, mas, ao mesmo tempo, a URSS não conseguia se adaptar a princípios mais "flexíveis", devido aos próprios fundamentos político-econômicos rígidos do sistema.

O Argumento da Crítica

Nas discussões da Georgetown University, as principais objeções vieram, não tanto da análise do lado soviético, como eu esperava ("afinal, pode-se considerar o sistema industrial soviético como 'fordista'?"), mas, sim, das observações sobre o lado ocidental. Colocou-se que, se nos anos 70 e 80, os paradigmas japoneses eram claramente superio-

res, nos anos 90 isto já é um assunto polêmico. Afinal, os EUA e Europa estão começando a se recuperar da longa crise das duas últimas décadas e o Japão se encontra em estagnação. A tabela abaixo demonstra isso graficamente:

Percentagens anuais de crescimento do Produto Interno Bruto:

	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996
EUA	0,9	-0,7	2,1	3,0	4,1	2,0	2,4
OCDE-Europa*	2,8	1,1	0,9	-0,3	2,6	2,5	1,7
Japão	5,6	4,5	1,3	0,1	0,6	0,9	3,6

* OCDE-Europa = países da Europa pertencentes a OCDE.
Fonte: publicação *Main Economic* Indicators da OCDE (número de dezembro de cada ano, referentes ao ano anterior)

Assim, considera-se que a recuperação nos EUA começou após 1991 e na Europa após 1993. É uma recuperação lenta, mas a perspectiva parece basicamente correta.

O outro lado da moeda é que, no nível micro-econômico, a distância na eficiência produtiva entre as firmas toyotistas e as ocidentais tradicionais parece ter diminuído nestes anos 90.

Se meu argumento parece ser muito baseado na superioridade produtiva dos paradigmas toyotistas de *especialização flexível*, um eventual fim desta maior eficiência nos anos 90 não solaparia as bases de meu argumento em relação também à União Soviética?

A Resposta à Crítica

As observações acima tocaram num ponto sensível que, inclusive, está no centro de uma discussão acalorada corrente nos EUA. Afinal, o toyotismo adentra os anos 90 como um referencial superior de produção, ou os desenvolvimentos do mercado mundial tornaram desatualizadas tais referências?

Minha resposta foi dada em diversos níveis.

Primeiramente, em meu artigo (Segrillo, 1997, p. 60), eu utilizo a abordagem sobre *revoluções tecnológicas* de Ernest Mandel (1975). Eu analisei tanto a ascensão do toyotismo quanto a decadência da URSS como processos que se desenrolavam dentro (e, em grande parte, em conseqüência) de desenvolvimentos da Terceira Revolução Tecnológica. Esta

Terceira Revolução Tecnológica (fruto dos desenvolvimentos da eletrônica e computação no pós-guerra), pela teoria das *ondas longas* de desenvolvimento capitalista de Mandel (1975, p. 129-132), possuiria uma fase basicamente expansiva de uns 25 anos (de 1940-45 até 1966), seguida de uma fase *com tonalidade de estagnação*. Dentro da teoria mandeliana, as fases com tonalidade de estagnação que se seguem às fases expansivas, tem também uma duração semelhante, por volta de 20 ou 25 anos (*Ibid.*). Isto significaria que a fase de estagnação na economia mundial iniciada em 1968 *poderia* estar chegando ao final no início ou meados de 1990. E isto parece estar lentamente ocorrendo, como vimos acima.

Meu ensaio buscava ajudar no entendimento dos processos de decadência do sistema soviético e ascensão dos paradigmas de *produção flexível*, processos estes que ocorreram *dentro da época da Terceira Revolução Tecnológica*. O fato de que os anos 90 talvez marquem uma nova era com outras características, não invalida as análises para a época específica da Terceira Revolução Tecnológica.

Isto quanto a parte da minha análise que se refere ao estudo dos processos que levaram à perestroika, *em meados dos anos 80*.

Quanto ao *status* do conceito de toyotismo nos anos 90, podemos novamente referir-nos a Mandel (1975, p. 93) , para entendermos parte do que se passa segundo ele, na fase inicial expansiva de um período de revolução tecnológica, o *boom* de inovações, invenções e descobertas, faz com que os detentores-monopolistas das novas tecnologias e métodos obtenham *superlucros* (já que podem vender mais barato que seus rivais, que ainda não detém estas inovações). Com o tempo, estas inovações tecnológicas e organizacionais vão se difundindo pela economia, e estas companhias-inovadoras vão perdendo sua vantagem inicial em relação aos concorrentes.

Este processo parece ter se passado com as companhias japonesas que primeiro utilizaram as novas formas organizacionais de *especialização flexível*. A vantagem produtiva destas formas era tão grande nos anos 70 e 80 que as companhias ocidentais começaram a estudar estas técnicas japonesas e a (tentar) adotá-las. Atualmente, rara é a companhia ocidental de grande porte que não tenta implantar pelo menos alguns dos aspectos ou técnicas toyotistas (Qualidade Total, *Just in time*, produção flexível, *Zero-stock*, máquinas flexíveis e operários polivalentes, controle estatístico de qualidade, *jidoka*, *Kaizen*, etc.). *Neste sentido, uma eventual "derrota" da Toyota, representa, na verdade, a "vitória do toyotismo"*, ou seja, o reconhecimento da necessidade de incorporação dos elementos da *especialização flexível*. Aliás, mesmo no nível macroeconômico, *flexibilidade* parece ser a palavra-chave desta época (não só no sentido positivo, como no fato de que muitas conquistas trabalhis-

tas, como estabilidade no emprego privado e público, etc. parecem estar sob ataque em diversos países no mundo, em favor de esquemas mais "*flexíveis*" como terceirização, reengenharia, trabalho *part-time*, etc.).

Quanto ao aspecto macroeconômico do Japão especificamente, é preciso notar que *toyotismo* e *Japão* não são sinônimos. Apesar de no Japão o macro e o microeconômico freqüentemente estarem mais entrelaçados que em outros países industrializados (o famoso "Japão S.A."), o toyotismo se refere a métodos organizacionais do trabalho no nível microeconômico e, portanto, independente do país de origem.

Entretanto, quanto a esta "estagnação" do Japão, também deve-se notar o seguinte fenômeno. É uma característica comum dos processos de desenvolvimento econômico que os países que tenham um "take-off" inicial muito rápido e sustentado por muito tempo, atinjam, após um certo nível de "enriquecimento", um *plateau* onde as taxas de crescimento da economia diminuam, pois as dificuldades de realização do capital vão se tornando gradativamente mais difíceis. Os próprios Estados Unidos são exemplo disso. Depois de terem conseguido uma extraordinária dianteira, em tamanho de PNB, em relação a outros países, há muito tempo, suas taxas de crescimento anual são bastante modestas (o que não representa muito problema, pois 1% de aumento do PNB americano representa, em termos absolutos, percentagens de crescimento de até dois dígitos em outros países). Inclusive, é muito comum para estes países que se tornaram "ricos" demais (i.e., onde a economia cresceu tanto que as dificuldades para realização do capital apenas no setor produtivo se tornam cada vez mais difíceis) passarem a se dedicar cada vez mais a atividades financeiras, em detrimento das meramente produtivas. Este estágio de "financeirização", como etapa ulterior dos países líderes, foi bastante analisada por Arrighi (1994), que inclusive demonstrou como este processo vem se passando no Japão. Assim, as taxas diminuídas de crescimento do Japão nos anos 90, não significam automaticamente "decadência" econômica, mas parecem refletir, em grande parte, um processo de acomodação a um estágio ulterior de seu *status* como potência mundial, que, em vista das crescentes dificuldades de realização de seu capital por vias meramente produtivas, se dedicará, cada vez mais, aos processos financeiros para tal.

BIBLIOGRAFIA

ARRIGHI, Giovanni. *The Long Twentieth Century*: money, power, and the origins of our times. Londres: Verson, 1994.

MANDEL, Ernest. *Late Capitalism*. Londres: NLB, 1975.

OCDE (Organisation for Economic Co-operation and Development). *Main Economic Indicators*. Paris: OCDE, diversos números.

PIORE, Michael J., SABEL, Charles F. *The Second Industrial Divide*: possibilities for prosperity. Nova York: Basic Books, 1984.

SEGRILLO, Angelo de O. *"Fordismo, Pós-Fordismo e Perestroika Soviética"*. In: *Varia História*, Belo Horizonte, n. 17, p. 59-70, mar. 1977.

SEGRILLO, Angelo de O. *Soviet Perestroika and Information Revolution: some considerations* (lecture presented at Georgetown University on Oct. 8, 1997). Washington: Audio-Visual Learning Resources Center of Lauinger Library of Georgetown University, 1977a. Videocassete 3282.